

# 1

Alice Della Rocca odiava a escola de esqui. Odiava despertar às sete e meia da manhã também nas férias de Natal e odiava o pai que a fitava ao pequeno-almoço enquanto por baixo da mesa fazia dançar a perna nervosamente, como que a dizer despacha-te. Odiava os *collants* de lã que lhe picavam as pernas, as luvas que não a deixavam mexer os dedos, o capacete que lhe esmagava as faces e premia com o ferro no queixo e, depois, aquelas botas, sempre demasiado apertadas, que a faziam caminhar como um gorila.

— Então, bebes o leite ou não? — insistiu, de novo, o pai.

Alice emborcou três dedos de leite a ferver, que lhe queimou primeiro a língua, depois o esófago e o estômago.

— Muito bem. Hoje vais mostrar quem és — disse-lhe.

E quem sou eu?, pensou ela.

Depois, empurrou-a para a rua, mumificada no fato verde de esqui pejado dos emblemas e adereços fluorescentes dos patrocinadores. Àquela hora a temperatura rondava os 10° negativos e o Sol era apenas um disco um pouco mais cinzento do que o nevoeiro envolvente. Alice sentia o leite a revirar-lhe o estômago enquanto mergulhava na neve de esquis ao ombro, pois os esquis é preciso carregá-los sozinha, até que sejas de tal maneira boa que alguém os carregue por ti.

— Leva-os com as pontas para a frente, senão ainda matas alguém — disse-lhe o pai.

No fim da temporada o Clube de Esqui oferecia-te um crachá com estrelinhas em relevo. Cada ano uma estrelinha a mais, desde que

tinhas quatro anos e eras suficientemente alta para enfiar entre as pernas a cadeirinha do telesqui até que fizeste nove e a cadeirinha já a conseguias agarrar sozinha. Três estrelas de prata e, depois, mais três de ouro. Cada ano um crachá para te dizer que estavas um pouco mais preparada, que estavas um pouco mais próxima das competições que tanto aterrorizavam Alice. Já na altura pensava nas competições e ainda só tinha três estrelas.

O local de encontro era junto ao teleférico às oito e meia em ponto, para a abertura da estância de esqui. Os colegas de Alice já lá estavam, formando uma espécie de círculo, todos iguais como soldadinhos, atabafados no uniforme e entorpecidos pelo sono e pelo frio. Espetavam os bastões na neve e apoiavam-se neles, pelas axilas. De braços pendurados pareciam inúmeros espantalhos. Ninguém tinha vontade de falar e Alice muito menos.

O pai deu-lhe duas palmadas demasiado fortes no capacete, quase parecia querer espetá-la na neve.

— Dá cabo deles. E lembra-te: o peso para a frente, percebes? Pêso-pa-ra-a-fren-te — disse-lhe.

O peso para a frente, respondeu o eco na cabeça de Alice.

Depois, ele afastou-se, soprando para dentro dos punhos cerrados, ele que rapidamente voltaria para o quentinho da casa para ler o jornal. Dois passos e o nevoeiro engoliu-o.

Alice deixou cair os esquis no chão de um modo que, se o seu pai a tivesse visto, certamente lhas daria ali mesmo, à frente de todos. Antes de enfiar as botas nos esquis, bateu-lhes na sola com o bastão para sacudir os pedaços de neve que tinham ficado agarrados.

Estava um pouco aflita. Sentia o chichi a empurrar a bexiga, como um alfinete espetado dentro da barriga. Também hoje não iria aguentar, tinha a certeza.

Todas as manhãs a mesma coisa. Depois do pequeno-almoço fechava-se na casa de banho e fazia força, fazia força, para esvaziar o chichi todo. Deixava-se ficar na sanita a contrair os abdominais até sentir, devido ao esforço, uma pontada na cabeça e ter a impressão de que os olhos se lhe escapuliam das órbitas, como a polpa da uva morangueira se apertares a casca. Abria ao máximo a torneira da água para que o pai não ouvisse os barulhos. Empurrava cerrando os punhos, para espremer até à última gota.

Deixava-se ficar assim sentada até que o pai batesse com força à porta da casa de banho e gritasse então minha menina, quando é que acabamos que hoje também já estamos atrasados?

Mas não servia de nada. Assim que chegava ao primeiro teleférico ficava de tal maneira apertada que se via obrigada a desenganchar os esquis, a pôr-se de cócoras na neve fresca, um pouco afastada dos outros, a fingir que apertava as botas enquanto fazia chichi. Amontoava um pouco de neve junto às pernas mantidas apertadas e mijava-se toda. Dentro do fato de esqui, nos *collants*, enquanto todos os colegas olhavam para ela e Eric, o professor, dizia como sempre estamos à espera da Alice.

É mesmo um alívio, dava sempre por si a pensar, com aquela bela tepidez que se derretia entre as pernas enregeladas.

Seria um alívio. Se não estivessem todos ali a olhar para mim, pensava Alice.

Mais tarde ou mais cedo vão perceber.

Mais tarde ou mais cedo vou deixar uma mancha amarela na neve.

Vão gozar todos comigo, pensava.

Um dos pais aproximou-se de Eric e perguntou-lhe se naquele dia não estava demasiado nevoeiro para subir até lá acima. Alice apurou o ouvido, cheia de esperança, mas Eric exibiu o seu sorriso perfeito.

— O nevoeiro está só aqui — disse. — No cume está um sol de rachar. Coragem, toda a gente a montar.

No teleférico Alice fez par com Giuliana, a filha de um dos colegas do pai. Durante o percurso não falaram. Não sentiam uma pela outra nem simpatia nem antipatia. Não tinham nada em comum a não ser o facto de não quererem estar ali, naquele momento.

O ruído que se ouvia era o vento a varrer o cume do Fraiteve, ritmado pelo correr metálico do cabo de aço em que Alice e Giuliana estavam penduradas, de queixo enfiado na gola do casaco para se aquecerem com a respiração.

É o frio, não estás realmente apertada, repetia Alice a si própria.

Mas quanto mais o cume se aproximava, mais o aguilhão que trazia na bexiga penetrava na carne. Aliás, era algo mais do que isso. Desta vez ela estava mesmo prestes a não aguentar mais.

Não, é apenas o frio, não podes fazer chichi agora. Acabaste de fazer há pouco, anda lá.

Uma golfada de leite rançoso subiu-lhe à epiglote. Alice engoliu-o de novo com nojo. Estava aflita, aflita de morrer.

Há mais dois teleféricos antes do refúgio. Não aguento tanto tempo assim, pensou.

Giuliana levantou a barra de segurança e ambas deslocaram o rabo um pouco para a frente para descerem. Quando os esquis tocaram no chão Alice deu um impulso com a mão para se separar da cadeirinha.

Não se via um palmo à frente, quanto mais sol de rachar. Estava tudo branco, só branco, em cima, em baixo, de lado. Era como estar envolvido num lençol. Era o exato oposto da escuridão, mas Alice tinha medo na mesma.

Deslizou para a beira da pista de esqui em busca de um montinho de neve fresca onde pudesse aliviar-se. Os seus intestinos fizeram um ruído de máquina de lavar a louça a entrar em ação. Voltou-se para trás. Já não via Giuliana, por isso, Giuliana não a podia ver a ela. Subiu a encosta alguns metros, pondo os esquis em espinha de peixe, como a obrigava a fazer o pai quando decidiu que tinha de a ensinar a esquiar. Para cima e para baixo na pista de esqui infantil, trinta a quarenta vezes num só dia. Subia em passo de escadinhas e descia em estilo limpa-neves, pois que comprar o passe de esqui para uma só pista era desperdício de dinheiro, sem contar que, deste modo, também treinava as pernas.

Alice desapertou os esquis e deu mais alguns passos. Enterrou as botas até meio da barriga das pernas.

Finalmente estava sentada. Deixou de reter a respiração e relaxou os músculos. Uma agradável descarga elétrica propagou-se pelo corpo todo para depois se aninhar nas pontas dos pés.

Deve ter sido o leite, seguramente foi o leite. Deve ter sido também por ter as nádegas quase congeladas de estar sentada na neve a mais de dois mil metros de altitude. Nunca tal lhe acontecera, pelo menos que ela recordasse. Nunca, nem uma vez.

Aliviou-se pernas abaixo. Não chichi. Não só. Alice borrou-se toda, às nove em ponto de uma manhã de janeiro. Borrou-se nas cuecas e nem sequer se apercebeu. Pelo menos até ouvir a voz de Eric vinda de um ponto indefinido dentro do banco de neveiro, a chamar por ela.

Levantou-se num ápice e foi nesse momento que sentiu algo de pesado no entrepernas das calças. Instintivamente tocou no rabo, mas

as luvas tiravam-lhe a sensibilidade. De qualquer modo, não era preciso, pois já percebera tudo.

E agora, que faço?, questionou-se.

Eric chamou-a de novo, Alice não respondeu. Enquanto estivesse ali em cima o nevoeiro escondê-la-ia. Podia baixar as calças do fato de esqui e limpar-se com neve, ou então ir ter com Eric e segredar-lhe ao ouvido o que lhe acontecera. Podia dizer-lhe que tinha de regressar à aldeia pois estava a doer-lhe o joelho. Ou então, borrifar-se para o sucedido e esquiara mesmo naquele estado, tendo o cuidado de ser sempre a última da fila.

Mas, ao invés, deixou-se simplesmente ficar ali, atenta a não mexer um só músculo, protegida pelo nevoeiro.

Eric chamou-a pela terceira vez. Mais alto.

— Já deve ter ido para o telesqui, aquela pateta — respondeu um rapazito em vez dela.

Alice ouviu um vociferar. Alguém disse vamos e outrem que tinha frio por estar parado. Tanto podiam estar ali em baixo a poucos metros como ainda junto à saída do teleférico. Os sons enganam, ressaltam nas montanhas, afundam-se na neve.

— Ora bolas para ela... Vamos ver — disse Eric.

Alice contou lentamente até dez, embargando a vontade de vomitar que o emplastro mole a escorrer-lhe pelas coxas lhe causava. Assim que chegou a dez começou do princípio e contou até vinte. Já não se ouvia ruído algum.

Pegou nos esquis e carregou-os nos braços até à pista. Levou algum tempo a perceber como teria de os pôr para estar perpendicular à linha de pendência máxima. Com um nevoeiro do género nem se percebe para que lado se está virado.

Enganchou as botas nos esquis e apertou as fixações. Desceu a viseira e cuspiu nela por dentro para a desembaciar.

Podia descer ao vale sozinha. Não queria saber se Eric andava à procura dela no cume do Fraiteve. Ela não queria estar dentro daqueles *collants* todos borrados um segundo a mais do que o necessário. Pensou no percurso. Nunca descera sozinha, mas, enfim, metera-se sozinha no teleférico e fizera aquela pista dezenas de vezes.

Começou a descer estilo limpa-neves, era mais prudente, e de pernas afastadas tinha a sensação de estar menos borrada. Ainda no dia